



PARÓQUIA DE SANTA CRUZ
ALBERGARIA-A-VELHA

Partilhar

Boletim Paroquial

Nº 38 – Fevereiro 2021

<http://paroquiadealbergaria.pt>

Mensagem

Este mês de Fevereiro reveste-se de especial importância porque nele se inicia o sagrado tempo da Quaresma com a celebração da imposição das cinzas na chamada 4ª feira de cinzas.

A Quaresma é o tempo que precede e dispõe à celebração da Páscoa. Tempo de escuta da Palavra de Deus, de conversão e de reconciliação com Deus e com os irmãos, tendo como pilares fundamentais a oração, o jejum e a esmola.

Este ano estaremos privados das celebrações comunitárias, pelo menos para já, na celebração de quarta-feira de Cinzas e nestes primeiros Domingos da Quaresma.

Na última página deste “Partilhar” está a Celebração de Cinzas para podermos usar em família e também a proposta da Caminhada da Quaresma para este ano.

Faço votos para que esta Quaresma possa ser renovadora na vida de todos nós e das nossas famílias.

O vosso Pároco,

Pe Manuel Dinis Tavares



Mensagem do Papa Francisco para a Quaresma 2021

Queridos irmãos e irmãs!

Jesus, ao anunciar aos discípulos a sua paixão, morte e ressurreição como cumprimento da vontade do Pai, desvenda-lhes o sentido profundo da sua missão e convida-os a associarem-se à mesma pela salvação do mundo.

Ao percorrer o caminho quaresmal que nos conduz às celebrações pascais, recordamos Aquele que «Se rebaixou a Si mesmo, tornando-Se obediente até à morte e morte de cruz» (Flp 2, 8).

Neste tempo de conversão, renovamos a *nossa fé*, obtemos a «*água viva*» da esperança e recebemos com o coração aberto o amor de Deus que nos transforma em irmãos e irmãs em Cristo. Na noite de Páscoa, renovaremos as promessas do nosso Batismo, para renascer como mulheres e homens novos por obra e graça do Espírito Santo. Entretanto o itinerário da Quaresma, como aliás todo o caminho cristão, já está inteiramente sob a luz da Ressurreição que anima os sentimentos, atitudes e opções de quem deseja seguir a Cristo.

O jejum, a oração e a esmola – tal como são apresentados por Jesus na sua pregação (cf. Mt 6, 1-18) – são as condições para a nossa conversão e sua expressão. O caminho da pobreza e da privação (o jejum), a atenção e os gestos de amor pelo homem ferido (a esmola) e o diálogo filial com o Pai (a oração) permitem-nos encarnar uma fé sincera, uma esperança viva e uma caridade operosa.

1. A fé chama-nos a acolher a Verdade e a tornar-nos suas testemunhas diante de Deus e de todos os nossos irmãos e irmãs

Neste tempo de Quaresma, acolher e viver a Verdade manifestada em Cristo significa, antes de mais, deixar-nos alcançar pela Palavra de Deus, que nos é transmitida de geração em geração pela Igreja. Esta Verdade não é uma construção do intelecto, reservada a poucas mentes seletas, superiores ou ilustres, mas é uma mensagem que recebemos e podemos compreender graças à inteligência do coração, aberto à grandeza de Deus, que nos ama ainda antes de nós próprios tomarmos consciência disso. Esta Verdade é o próprio Cristo, que, assumindo completamente a nossa humanidade, Se fez Caminho - exigente, mas aberto a todos - que conduz à plenitude da Vida. (Cont. pág.2)



Mensagem do Papa Francisco para a Quaresma (Continuação da pág. 1)

O jejum, vivido como experiência de privação, leva as pessoas que o praticam com simplicidade de coração a redescobrir o dom de Deus e a compreender a nossa realidade de criaturas que, feitas à sua imagem e semelhança, n'Ele encontram plena realização. Ao fazer experiência duma pobreza assumida, quem jejua faz-se pobre com os pobres e «acumula» a riqueza do amor recebido e partilhado. O jejum, assim entendido e praticado, ajuda a amar a Deus e ao próximo, pois, como ensina São Tomás de Aquino, o amor é um movimento que centra a minha atenção no outro, considerando-o como um só comigo mesmo [cf. Enc. Fratelli tutti (= FT), 93]. A Quaresma é um tempo para acreditar, ou seja, para receber a Deus na nossa vida permitindo-Lhe «fazer morada» em nós (cf. Jo 14, 23).



Jejuar significa libertar a nossa existência de tudo o que a atravanca, inclusive da saturação de informações – verdadeiras ou falsas – e produtos de consumo, a fim de abriremos as portas do nosso coração Àquele que vem a nós pobre de tudo, mas «cheio de graça e de verdade» (Jo 1, 14).

2. A esperança como «água viva», que nos permite continuar o nosso caminho.

A samaritana, a quem Jesus pedira de beber junto do poço, não entende quando Ele lhe diz que poderia oferecer-lhe uma «água viva» (cf. Jo 4, 10); e, naturalmente, a primeira coisa que lhe vem ao pensamento é a água material, ao passo que Jesus pensava no Espírito Santo, que Ele dará em abundância no Mistério Pascal e que infunde em nós a esperança que não desilude. Já quando preanuncia a sua paixão e morte, Jesus abre à esperança dizendo que «ressuscitará ao terceiro dia» (Mt 20, 19). Jesus fala-nos do futuro aberto de par em par pela misericórdia do Pai. Esperar com Ele e graças a Ele significa acreditar que a última palavra na história, não a têm os nossos erros, as nossas violências e injustiças, nem o pecado que crucifica o Amor; significa obter do seu Coração aberto o perdão do Pai

No contexto de preocupação em que vivemos atualmente, onde tudo parece frágil e incerto, falar de esperança poderia parecer uma provocação. O tempo da Quaresma é feito para ter esperança, para voltar a dirigir o nosso olhar para a paciência de Deus, que continua a cuidar da sua Criação, não obstante nós a maltrarmos com frequência (cf. Enc. Laudato si', 32-33.43-44). É ter esperança naquela reconciliação a que nos exorta apaixonadamente São Paulo: «Reconciliai-vos com Deus» (2 Cor 5, 20). Recebendo o perdão no Sacramento que está no centro do nosso processo de conversão, tornamo-nos, por nossa vez, propagadores do perdão: tendo-o recebido nós próprios, podemos oferecê-lo através da capacidade de viver um diálogo solícito e adotando um comportamento que conforta quem está ferido. O perdão de Deus, através também das nossas palavras e gestos, possibilita viver uma Páscoa de fraternidade.

Na Quaresma, estejamos mais atentos a «dizer palavras de incentivo, que reconfortam, consolam, fortalecem, estimulam, em vez de palavras que humilham, angustiam, irritam, desprezam» (FT, 223). Às vezes, para dar esperança, basta ser «uma pessoa amável, que deixa de lado as suas preocupações e urgências para prestar atenção, oferecer um sorriso, dizer uma palavra de estímulo, possibilitar um espaço de escuta no meio de tanta indiferença» (FT, 224).

No recolhimento e oração silenciosa, a esperança é-nos dada como inspiração e luz interior, que ilumina desafios e opções da nossa missão; por isso mesmo, é fundamental recolhermo-nos para rezar (cf. Mt 6,6) e encontrar, no segredo, o Pai da ternura. Viver uma Quaresma com esperança significa sentir que, em Jesus Cristo, somos testemunhas do tempo novo em que Deus renova todas as coisas (cf. Ap 21, 1-6), «sempre dispostos a dar a razão da [nossa] esperança a todo aquele que [no-la] peça» (1 Ped 3, 15): a razão é Cristo, que dá a sua vida na cruz e Deus ressuscita ao terceiro dia.

3. A caridade, vivida seguindo as pegadas de Cristo na atenção e compaixão por cada pessoa, é a mais alta expressão da nossa fé e da nossa esperança.

A caridade alegra-se ao ver o outro crescer; e de igual modo sofre quando o encontra na angústia: sozinho, doente, sem abrigo, desprezado, necessitado... A caridade é o impulso do coração que nos faz sair de nós mesmos gerando o vínculo da partilha e da comunhão.

«A partir do “amor social”, é possível avançar para uma civilização do amor a que todos nos podemos sentir chamados. Com o seu dinamismo universal, a caridade pode construir um mundo novo, porque não é um sentimento estéril, mas o modo melhor de alcançar vias eficazes de desenvolvimento para todos» (FT, 183).

A caridade é dom que dá sentido à nossa vida e graças ao qual consideramos quem se encontra na privação como membro da nossa própria família, um amigo, um irmão. O pouco, se partilhado com amor, nunca acaba, mas transforma-se em reserva de vida e felicidade. Aconteceu assim com a farinha e o azeite da viúva de Sarepta, que oferece ao profeta Elias o bocado de pão que tinha (cf. 1 Rs 17, 7-16), e com os pães que Jesus abençoa, parte e dá aos discípulos para que os distribuam à multidão (cf. Mc 6, 30-44). O mesmo sucede com a nossa esmola, seja ela pequena ou grande, oferecida com alegria e simplicidade.

Viver uma Quaresma de caridade significa cuidar de quem se encontra em condições de sofrimento, abandono ou angústia por causa da pandemia de Covid19. Neste contexto de grande incerteza quanto ao futuro, lembrando-nos da palavra que Deus dera ao seu Servo – «não temas, porque Eu te resgatei» (Is 43, 1) –, ofereçamos, juntamente com a nossa obra de caridade, uma palavra de confiança e façamos sentir ao outro que Deus o ama como um filho.

«Só com um olhar cujo horizonte esteja transformado pela caridade, levando-nos a perceber a dignidade do outro, é que os pobres são reconhecidos e apreciados na sua dignidade imensa, respeitados no seu estilo próprio e cultura e, por conseguinte, verdadeiramente integrados na sociedade» (FT, 187).

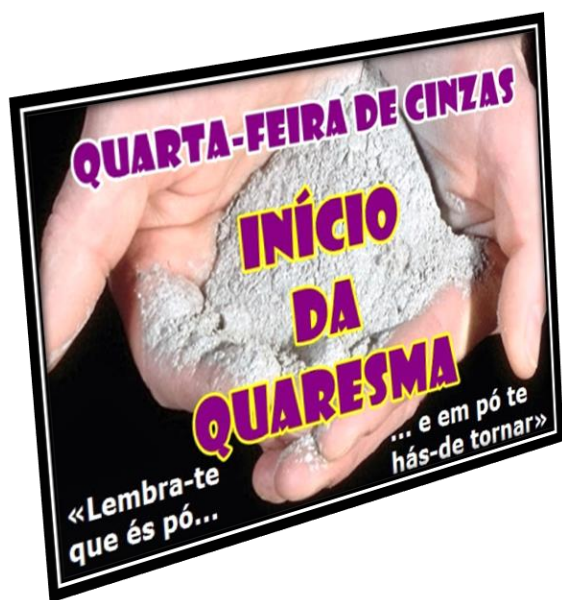
Queridos irmãos e irmãs, cada etapa da vida é um tempo para crer, esperar e amar. Que este apelo a viver a Quaresma como percurso de conversão, oração e partilha dos nossos bens, nos ajude a repassar, na nossa memória comunitária e pessoal, a fé que vem de Cristo vivo, a esperança animada pelo sopro do Espírito e o amor cuja fonte inexaurível é o coração misericordioso do Pai.

Que Maria, Mãe do Salvador, fiel aos pés da cruz e no coração da Igreja, nos ampare com a sua solícita presença, e a bênção do Ressuscitado nos acompanhe no caminho rumo à luz pascal.

11 de novembro de 2020.

Papa Francisco

As cinzas marcam o início da Quaresma



As cinzas lembram-nos como somos finitos:

“Lembra-te que és pó e em pó te hás-de tornar”.

Ao contrário da sociedade que procura ocultar a morte, o rito das Cinzas torna-a presente e convida-nos a dar importância às coisas perenes, que não são passageiras. Como? Respondendo ao tríplice apelo de Jesus que o Evangelho deste dia nos recorda:

«esmola (partilha de bens), oração e jejum».

As cinzas, segundo a tradição, obtêm-se dos ramos benzidos no último Domingo de Ramos. A sua imposição é um verdadeiro acto penitencial a realizar-se depois da homilia. Este começo da Quaresma quer-nos fazer entrar no caminho que, pela renúncia ao nosso egoísmo, nos levará à alegria da Páscoa.

Proposta para a Quaresma.

Como este ano não haverá celebração de Cinzas comunitária na igreja, propomos que preparemos em casa um pouco de cinza para lembrar o dia e para se usar num pequeno gesto familiar. Guardemos essa cinza num prato, frasco ou outro recipiente.

Em cada um dos primeiros 5 domingos da Quaresma façamos um peixe com cada letra da palavra “JESUS”. No Domingo de Ramos usemos verdes colocados sobre a cinza lembrando o dia da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém e façamos um peixe maior para expor no Domingo de Páscoa. Na Páscoa coloquemos flores/pétalas junto dos ramos e o peixe maior voltado para a rua mostrando que na nossa casa vivem cristãos.

Os inícios da fé cristã não foram nada fáceis: as perseguições contra os cristãos eram frequentes e brutais nos 3 primeiros séculos do cristianismo, quando a fé em Cristo era vivida praticamente na clandestinidade.

Como é que um cristão poderia saber se outra pessoa também era cristã? Os primeiros cristãos utilizavam “códigos secretos” para se identificarem. Um desses códigos era o “Ichthys” (Ichthus), palavra grega que significa “peixe”.



O cristão, quando supunha estar diante de outro cristão, **desenhava uma curva ou meia-lua no chão**. Se a pessoa desenhasse outra meia-lua sobreposta à dele, completando assim a figura de um peixe, é porque seria também cristão, pois só os cristãos conheciam esse “código secreto”.

E porquê a imagem de um peixe?

Porque as letras que formam a palavra “peixe” em grego, quando escritas em maiúsculas, formam um acrónimo com as iniciais da expressão “Iesous Christos Theou Yios Soter”, que significa “Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador”.

Celebração Familiar para 4ª feira de Cinzas

Neste dia benzem-se e impõem-se as cinzas, feitas de ramos de oliveira, benzidos no Domingo de Ramos do ano anterior. Este ano, em família, usemos as cinzas que nos forem possíveis e colocadas num prato ou outro recipiente. Acendamos também uma vela.

Um leitor:

Concedei-nos, Senhor, a graça de começar o tempo da Quaresma, com o coração arrependido e desejoso de se renovar para melhor. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.

Bênção das cinzas

Um Leitor com as mãos juntas:

Oremos a Deus nosso Pai, para que Se digne abençoar com a abundância da sua graça estas cinzas que vamos impor sobre as nossas cabeças, em sinal de penitência.

Depois de uma pausa um Leitor

(de preferência adulto) com as mãos juntas:

Senhor nosso Deus, que Vos compadeceis daquele que se humilha e perdoais àquele que se arrepende, ouvi as nossas preces e derramai a vossa bênção sobre nós que vamos receber estas cinzas, para que, fiéis à observância quaresmal, mereçamos chegar, de coração purificado, à celebração do mistério pascal do vosso Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.

Imposição das cinzas

Um adulto impõe as cinzas a todos dizendo:

“Arrependei-vos e acreditai no Evangelho.”

No fim também o adulto recebe as cinzas.

Pode ser outro adulto ou criança a fazê-lo.

Um adulto com as mãos juntas reza:

Recebei, Senhor, este nosso gesto, com o qual iniciamos solenemente a Quaresma, e fazei que, pela penitência e pela caridade, nos afastemos do caminho do mal, a fim de que, livres de todo o pecado, nos preparemos para celebrar fervorosamente a paixão de Cristo, vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.

Termina-se com o Pai Nosso: Pai Nosso...

Um adulto diz: Bendigamos ao Senhor.

Todos Respondem e benzem-se ao mesmo tempo:

Graças a Deus.